

# QUANDO O MUSEU (AINDA) É UM ESTALEIRO DE OBRA: POTENCIALIDADES E DILEMAS DA CURADORIA EM EDIFÍCIOS EM PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO WHEN THE MUSEUM IS (STILL) A BUILDING SITE – ON THE POTENTIALITIES AND DILEMMAS OF CURATING VENUES UNDER THE PROCESSES OF MUSEALISATION

Inês Moreira

## Resumo

Este paper foca a potencialidade de intervir curatorially nos edifícios em transformação (obra) durante o processo de criação de um Museu, isto é, abordam-se possibilidades de programação e/ou exposição de eventos públicos dentro do estaleiro do futuro Museu previamente à inauguração. A vida de um Museu inicia-se anos antes de ter uma abertura estável ao público e, por contingências várias, as suas diversas fases e processos tendem a alongar-se – criação de programa/investigação, inventário/estabilização da colecção, financiamento, projecto de arquitectura, construção/reconversão de edifício, e por fim musealização do espaço e definição de plano museográfico. As obras físicas do Museu – criação, ampliação ou renovação – tendem a revestir-se de um longo período de opacidade institucional em que a relação com o público e a comunidade não está ainda estabelecida, ou fica rompida por muitos anos. Esta investigação apresenta argumentos para a exploração de relações entre o processo de musealização (Arquitectura e Museologia), propondo uma relação entre a obra do Museu, os processos de musealização do espaço e a apresentação de objectos e de criações artísticas, seja como evento único ou enquanto *work-in-progress* dentro do próprio recinto da obra. Para ilustrar, utiliza-se a experiência concreta da exposição *Há trabalhos na Fábrica* realizada em 2014 no recinto do estaleiro de obra das Fábricas da Levada da Cidade de Tomar, espaço que se encontrava vedado desde 2008 para reconstrução e prospecção arqueológica com vista à criação de um Museu de Indústria, a inaugurar em 2015. Questões em aberto: Como activar curatorially o Museu ao longo da obra do seu edifício? Poderá um programa de exposições ao longo do processo da construção de um Museu contribuir para a relação do público com o edifício e seus

futuros conteúdos? E, cada vez mais, o que fazer quando as obras permanecem inacabadas?

Palavras-chave: Curadoria, Processo de Musealização, Arquitectura de Museus, Estaleiro de Obra, Exposição Pública

#### Abstract

This paper focuses on the potentiality of curatorial intervention in buildings under transformation (building sites) along the processes of creation of a Museum, i. e., it addresses the possibilities brought by cultural programming and/or exhibitions to the site of the future Museum before its public opening. The life of a Museum initiates years before its stable public opening and, due to various contingencies, it tends to face delays along its various phases and processes – from the programming/research, to the inventory/stabilization of a collection, to funding and the architectural project, to the construction/reconversion of the building, and finally to the musealisation of space and definition of a museographical plan. The physical construction of the Museum – its creation, expansion or renovation - tends to be of a long period of institutional opacity in which the relationship with the public and the community may not yet be established, or may be broken for many years.

This research presents arguments to explore relations between the different processes of musealisation (Architecture and Museology), suggesting a connection between the construction works of the Museum, the processes of musealisation of the space and the presentation of objects, or other creative work, offering possibilities to understand the programming of events and of public exhibitions as a work-in-progress within the building site. To illustrate, we use the specific experience of the exhibition “The factory is at work” held in 2014 in the grounds of the construction site of the Levada Factories in the city of Tomar, whose spaces have been closed since 2008 for reconstruction works and archaeological studies so to create a new Industrial Museum, to open in 2015.

Open questions: How to provoke a curatorial activation of the Museum during the construction works of its buildings? Could an exhibition program throughout the process of building a Museum contribute to foster the relations of the public with the building and its future contents? And, more and more, what can be done when the construction works are kept unfinished?

Keywords: Curating, Processes of Musealisation, Museum Architecture, Building Sites, Public Exhibition

## PREÂMBULO

*paper* apresentado numa exposição oral (20 minutos) no Seminário de Museologia organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Novembro de 2014.

O carácter experimental e inovador da abordagem curatorial a edifícios museológicos, e culturais, exposta no presente *paper* estende-se pelo tipo de investigação académica desenvolvida. A metodologia curatorial proposta explora cruzamentos entre a investigação sobre arquitectura e humanidades, a par de informação coligida em trabalho de campo para diversos exercícios curatoriais em edifícios em construção e/ou em processo de musealização. Esses projectos assumem ainda o estímulo à nova criação artística, que não se explora neste *paper*.

Nesta investigação seguem-se a linhagem de “escrita do espaço” desenvolvida por autores como Jane Rendell (2006) relativamente aos processos de criação de espaço, bem como a descrição performativa do trabalho de campo desenvolvido por Kathleen Stewart (2007) no seu trabalho de etnografia contemporânea, a par de uma metodologia de investigação curatorial desenvolvida pela autora na sua investigação de Doutoramento em Curatorial/Knowledge desenvolvida no Goldsmiths College/University of London.

A opção metodológica pelo cruzamento de fontes e de experiências práticas concretas amplifica no formato da página de papel o próprio tipo de intervenção curatorial realizada em edifícios em processo de musealização. Cruzam-se elementos de diversas proveniências e apresenta-se uma intersecção de factos e a contextualização teórica, expondo-os como “performing building sites”.

## EDIFÍCIOS EM PROCESSO E INTERVENÇÕES CURATORIAIS

A vida de um Museu inicia-se anos antes de ter uma abertura estável ao público, começando, desejavelmente, nas diversas tarefas envolvidas na criação na instituição, do edifício, da colecção e do seu programa. Podemos identificar uma cronologia tipo num processo de criação de um Museu: criação de programa/ investigação, inventário/estabilização da colecção, financiamento, projecto de arquitectura, construção/reconversão de edifício, e por fim musealização do espaço e construção de um plano museográfico. Este encadeamento pode surgir com sequências distintas conforme o tema, o local, ou a origem do projecto de

Museu, existindo por vezes relações tensas entre as ambições do projecto da Arquitectura, os tempos e processos da Museologia, bem como com as vontades e representações políticas investidas no projecto.

A construção de um Museu é uma oportunidade que usualmente oferece a liberdade e o acesso a recursos financeiros extraordinários, bem como uma liberdade autoral que o tornam num programa desejado por todo o autor em Arquitectura. Pensemos no paradigma dos grandes museus internacionais, como os Guggenheim, a Tate Modern, ou nos espanhóis CaixaFórum, para identificar a excepcionalidade destas obras. Os estaleiros de construção de grandes Museus novos ou de amplificações dos grandes Museus internacionais tendem a ser planificados e bem estruturados, sofrendo menos interrupções que outro tipo de obras. Existem contudo excepções na linearidade destas grandes obras, pensemos nos atrasos da ampliação do *Nieuwe Rijksmuseum* em Amsterdão, documentado detalhadamente no filme de Oeke Hoogendijk, cujo projecto sofreu alterações, petições públicas e provocando atrasos de cerca de cinco anos [Ver filme *Het Nieuwe Rijksmuseum* (The New Rijksmuseum). Realização: Oeke Hoogendijk, Holanda, 2014, digital, 110'. Capa do DVD do filme na versão japonesa. Declaração da realizadora: “Ten years ago, when I started this film, my intention was to create a journal of the transformation of the Rijksmuseum. My goal was to register how the museum, the 100-year-old building and its employees, would be reinvented during its monumental renovation. However, I could have not anticipated the story taking a completely different turn: soon the museum staff was faced with one unpleasant setback after another. Action groups against the renovation staged protests, structural issues put the budget under strain; eventually it all culminated in a near explosive situation when director Ronald de Leeuw decided to leave, and the museum’s reopening was postponed from 2008 to 2013”], ou no novo Museu dos Coches em Lisboa, amplamente discutido nos media nacionais (Fonseca 2013) que tendo um programa museológico claro permanece por finalizar há diversos anos. Sobre este atraso, o arquitecto Paulo Mendes da Rocha, seu autor, menciona: “está mais difícil tirar os tapumes do que iniciar a obra” (Barbas e Lopes 2013). À data actual – Dezembro 2014 – o museu continua encerrado.



Figura 1. Capa do DVD do filme *Het Nieuwe Rijksmuseum* (The New Rijksmuseum) na versão japonesa. Realização: Oeke Hoogendijk, Holanda, 2014, digital, 110´

O estaleiro de obra é diverso na sua tipologia, morfologia, intervenção técnica e na sua duração. Os processos de criação de museus levam a operações em distintos tipos de edifícios, dos edifícios públicos a outras apropriações como hangares de fábricas, alas de universidades, espaços domésticos, mesmo a intervenção em edifícios de empresas e de diversos tipos de corporações. As intervenções museológicas podem conduzir a diferentes graus de intervenção, para além da nova obra de raiz consideram-se ainda a reconstrução e reconversão de usos, o restauro e recuperação de estados originais, e outros níveis de intervenção mais técnicos (ex: climatização, cenografias, adaptação de acessos). As fases e processos de criação de um edifício tendem a alongar-se por contingências de natureza diversa, sejam razões económicas, problemas tecnoconstrutivos, descobertas arqueológicas, ou mesmo interferências políticas e populares. Diversos factores podem interromper ou gerar adiamentos e arriscamos afirmar que muito raramente as questões científicas atrasam a abertura de um Museu, devendo-se estes fundamentalmente a questões económicas, construtivas ou políticas. É imponderável o momento em que uma obra pára, pois a paragem surge

como contingência, ou como falta de soluções imediatas a um projecto de fundo (ex: incêndio, ou falência do construtor).

É relevante assinalar ainda que as obras físicas do/no museu - seja a criação de um novo edifício, ampliação ou renovação do existente - tendem a revestir-se de um longo período de opacidade institucional, durante a qual a relação com a comunidade e o seu (futuro) público se quebra. É aqui que a curadoria pode desempenhar um papel relevante no (durante) o processo de musealização, ou de transformação num novo uso cultural. Simbolicamente, os tapumes da obra protegem o estaleiro e criam uma barreira com o exterior, a relação com o público fica rompida por um período longo, por vezes anos.

Como intervir curatorialmente num edifício de Museu em obra? O *leitmotif* da oportunidade de criação de um projecto surge de modos distintos, tal como são distintas as contingências que tornam a obra “aberta” a um projecto cultural. A experiência prática levou-nos a intervir em diversos edifícios cujas obras de (re)construção foram interrompidas, que agora problematizamos. Se o registo fotográfico da evolução da obra de arquitectura e seus momentos importantes é uma prática corrente dos escritórios de arquitectura e as imagens do virtuosismo técnico, da complexidade processual, ou mesmo da fragilidade, são muitas vezes publicadas ou expostas noutros locais (ver o exemplo da exposição “Palácio do Freixo - Ruína e Regeneração”, na Iperforma, Porto, de Luís Ferreira Alves sobre o restauro do Palácio do Freixo, 18 Setembro - 27 Fevereiro 2015), a proposta que aqui avançamos é distinta. Este *paper* explora as potencialidades (e os dilemas) da abertura de edifícios ainda em obra, partindo de várias experiências de curadoria de exposições de artes visuais, com abordagem de carácter multidisciplinar, em espaços museológicos/culturais em processo.

Um conjunto de experiências concretas leva-nos a problematizar a possibilidade de programar exposições – ou eventos públicos – no recinto do estaleiro do futuro Museu, previamente à sua inauguração. Da experiência à data, avançamos que são os museus de menor dimensão que apresentam maior abertura a intervenções culturais e referimo-nos especialmente a casos em processo de transformação dos espaços, mas também de redefinição do seu uso, das suas colecções, ou em busca de uma nova identidade. O terreno prático onde assenta o argumento, pode ser caracterizado por quatro edifícios em obra/ processo onde intervimos entre 2008-2014:

<b>CARACTERIZAÇÃO - EDIFÍCIO EXISTENTE E PROJECTO “MUSEOLÓGICO”</b>				
<b>Edifício</b>	<b>Reitoria da Universidade do Porto (3º e 4º piso)</b>	<b>Fábrica ASA</b>	<b>Complexo Industrial Levada</b>	<b>Cooperativa dos Pedreiros</b>
Localização	Centro urbano, Porto	Freguesia de Covas, Guimarães	Centro urbano, Tomar	Centro urbano, Porto
Tipo de edifício	Pisos superiores do canto sudeste do edifício histórico da antiga Universidade.	Complexo industrial com crescimento orgânico, situado entre a Estrada Nacional e a linha de comboio.	Complexo industrial com crescimento orgânico, situado entre o Rio Nabão e o centro urbano.	Complexo industrial construído em duas fases, situado num morro central da cidade.
Proprietário	Público: Universidade do Porto	Privado: Grupo Lameirinho	Público: Câmara Municipal de Tomar	Privado: Cooperativa dos Pedreiros
Função (antiga)	Ex-Faculdade de Ciências: laboratórios, biblioteca, gabinetes e salas de aula.	Fábrica têxtil. (fiação - têxtil lar)	Moagem industrial, lagares, central eléctrica, etc.	Transformação industrial da pedra, pedreira, hotel, restaurante, apartamentos
Motivo / Estado edifício / Estado obra	Incêndio – acidente / Destruição / Reconstruído	Desactivação – progressiva / Desmantelamento / Renovado	Desactivação – progressiva / Preservação / Em obra	Desactivação – progressiva / Desmantelamento / Sem projecto
Nova função (prevista)	Salas de exposição para programação cultural temporária	Centro de exposições, industrias criativas e comércio	Museu da Indústria	Sem planos (em estudo) Tem um Museu
Obra (data)	Reconstrução (2008-9)	Reconversão (2011)	Restauro (2007-2014...)	Pontuais de consolidação (em estudo)
Função projectada Vs. função actual (set 2014)	Salas de exposição Vs. Gabinetes de trabalho administrativo	Salas de exposição Vs. Espaço multifunções e de comércio	Museu da Indústria (em curso)	Sem projecto

Plano 1. Caracterização de quatro edifícios em processo de construção entre 2008-2014, onde a autora interveio através de projectos curatoriais (ver plano 2)

Os casos elencados são de edifícios em processo transformação para função museológica/expositiva, cujas obras de construção foram interrompidas, ou decorreram de modo intermitente. A obra de transformação dos espaços em espaço expositivo, no caso da Reitoria do Porto, foi interrompida por um incêndio que destruiu parte do edifício e da obra já em curso. A obra de restauro do complexo industrial para conversão dos vários edifícios em Museu da Indústria na Levada de Tomar foi interrompida pela falência do construtor contratado. No caso da Fábrica ASA existiu uma disrupção da empreitada em curso para criação de um centro cultural, realizada num prazo curto, que foi aberta/atravessada por trabalhos de produção cultural para que a inauguração do edifício decorresse com um conjunto de exposições. Por fim, elenca-se um último caso de um complexo industrial, que integra um museu, e que está em busca de um novo projecto de futuro e se deixa habitar por intervenções artísticas, enquanto vai convivendo com reparações intermitentes que adiam a sua ruína.

Os quatro edifícios/estaleiros foram palco de intervenção curatorial para realização de exposições no seu interior, entre 2008 e 2014. Tal como na variabilidade de um processo de musealização, ou nas diferentes calendarizações de uma obra, também um processo de curadoria segue uma sequência de fases de trabalho relativamente à produção de uma exposição ou evento. A investigação curatorial sobre estes espaços em processo aprofunda o conhecimento e as leituras dos mesmos, processo que designamos por “curadoria do espaço” (Moreira 2014). Os processos em curso em cada estaleiro/edifício variam em todos os casos, pois dependem de cada sítio, seu estado e da fase da construção, sendo porém comum a todos os processos de “curadoria do espaço”: investigação prévia sobre o local; trabalho de campo/visitas; levantamento do espaço, objectos e materiais existentes; registo fotográfico (e/ou vídeo); produção de novos conteúdos e acompanhamento da criação de trabalhos artísticos; consolidação do espaço/estaleiro; montagem da exposição/evento; abertura e mediação com o público. Se o processo de trabalho inclui estas fases, a grande variabilidade dos locais torna impossível tipificar “procedimentos” de intervenção curatorial, cada espaço dita uma abordagem distinta.

Uma caracterização dos pontos principais que explanam, com brevidade, permite abranger o terreno de investigação/intervenção:

## CARACTERIZAÇÃO - OBRA EM CURSO E PROJECTO CURATORIAL

<b>Edifício</b>	<b>Reitoria da Universidade do Porto (3º e 4º piso)</b>	<b>Fábrica ASA</b>	<b>Complexo Industrial Levada</b>	<b>Cooperativa dos Pedreiros</b>
Promotor da obra	Público: Universidade do Porto	Privado: Grupo Lameirinho	Público: Câmara Municipal de Tomar	Privado: Cooperativa dos Pedreiros
Promotor da exposição	Público: Universidade do Porto	Privado: Fundação Cidade de Guimarães / Capital Europeia da Cultura	Público: Instituto Politécnico de Tomar	Público: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Curadoria	Inês Moreira	Inês Moreira e Aneta Szylak	Inês Moreira	Inês Moreira
Projecto curatorial	<i>Rescaldo e Ressonância!</i>	<i>Edifícios &amp; Vestígios</i>	<i>Há trabalhos na Fábrica</i>	<i>Technical Unconscious</i>
Processo em curso no edifício	Reconstrução do edifício e estabilização dos Museus existentes.	Reconversão para uso cultural. Sem musealização.	Recuperação e restauro para musealização.	Em processo de degradação e abandono. (Museu estagnado)
Visibilidade pública da obra	Recinto encerrado Não visível da rua	Recinto encerrado Visível da rua	Recinto encerrado Muito visível da rua	Recinto aberto Não visível da rua
Motivação / Convite à intervenção	Proposta de exposição dos espaços em transformação. Relação com museus existentes.	As obras do edifício são simultâneas à investigação histórica e à montagem da exposição. Patrimonialização de objectos e móveis.	Proposta de reactivação dos espaços da fábrica em obras. Abertura pública dos espaços em transformação.	Proposta de reactivação dos espaços da fábrica em desuso. Abertura pública dos espaços em degradação.
Relação Curadoria / obra	Encomenda específica de exposição sobre a obra. Relação temática e <i>site-specific</i> .	Encomenda específica de exposição sobre a temática alargada. Relação temática e <i>site-specific</i> .	Encomenda específica de exposição sobre a obra. Relação temática e <i>site-specific</i> .	Potencialidade de iniciar obra. Relação temática e <i>site-specific</i> .
Interferência na obra	Coexistência no espaço. Adiamento da obra.	Coexistência da montagem da exposição e da obra. Interferência na calendarização da obra.	Coexistência da montagem da exposição e da obra. Interferência na calendarização da obra.	Dependência da montagem da exposição da realização de obras avulso.
Estado da obra / estado da obra na inauguração da exposição	Em curso / Em curso	Em curso / Finalizada	Em curso / Em curso (após paragem de vários anos )	Sem projecto / Sem projecto. (Discute-se a realização de obras)
Abertura ao público / segurança	Restrito, com alerta de segurança.	Total.	Total, com isolamento de zonas perigosas	Total, com isolamento de zonas perigosas

As intervenções curatoriais relacionam o edifício em obra com o tema dessa mesma transformação, isto é, ainda que as exposições sejam exercícios efémeros e independentes do projecto final do museu/edifício, em todos estes projectos curatoriais se relacionam com os processos em curso e fazem parte da activação dos espaços existentes. As várias intervenções desenvolvem-se em cenários específicos, mesmo antagónicos (ex: ocupação de salas incendiadas, ocupação de hangar no estado original em fábrica, de resto, remodelada); podem seguir objectivos distintos na sua aproximação ao espaço (ex: diálogo com a comunidade local; ou local de experimentação de artistas estrangeiros residentes). Mas, sobretudo, procuram ler e adicionar *layers* diversos tanto à exposição na sua relação com os espaços (em obra); como na exploração de novas leituras da condição de incompletude do edifício, através das intervenções artísticas e dos demais convidados, da iluminação e da cenografia instalada.

O primeiro projecto listado, trata-se da obra de reconstrução do 3.º e 4.º piso do Edifício da Reitoria da Universidade do Porto, após o incêndio de 2008, que foram interrompidas para a realização de uma exposição, *Rescaldo e Ressonância!* (Moreira 2009). O projecto interrompeu as obras em curso e revelou as salas queimadas e destruídas, expondo projectos de diversos artistas convidados para o efeito. Levantando questões de segurança, a exposição cumpriu algumas normas de higiene e segurança de um estaleiro de obra, sublinhando o aspecto físico e processual do espaço. Após a exposição, as obras do edifício foram concluídas e o edifício renovado, tendo sido preservado o pavimento queimado numa das salas, como registo do incêndio e da curadoria do espaço.

O segundo caso trata-se da reconversão da antiga fábrica de produção têxtil ASA, em Guimarães, transformada para reabrir enquanto novo pólo cultural e de exposição, 2011-12, onde realizámos uma grande exposição que, por contingência, conviveu com as obras de construção civil na exposição *Edifícios & Vestígios* (Moreira 2013). Se tematicamente este projecto de investigação e exposição, visitou diversos espaços industriais em reconversão, como o Museu de Arte contemporânea Can Framis em Barcelona, ou o centro de criação artística Matadero, em Madrid, explorando diversos modos de conversão da arquitectura, na prática, o projecto conviveu com as obras, as opções e a logística da transformação da própria Fábrica ASA, como mais um *case-study*.

No entrosamento com as obras do próprio edifício da ASA, o projecto nosso expositivo socorreu-se, para fins cenográficos, de mobiliário abandonado e de objectos da antiga fábrica, todos votados à sucata, de modo a criar continuidades

entre o espaço existente e o *display* dos novos trabalhos artísticos (e científicos) que seriam expostos. Perante a profunda transformação/modernização em curso nos edifícios, arriscamos afirmar que a proposta espacial/cénica da exposição teve um carácter radical. Para explorar as continuidades entre o edifício existente e os conteúdos expositivos, foi pedido o cancelamento das obras de conversão do hangar utilizado (sector G), mantendo o hangar no estado original, no estado anterior à conversão da restante fábrica, contrastando com a restante linguagem contemporânea.

Preservar o estado do edifício em transformação, reservar objectos/ materiais perdidos e a “atmosfera” prévia à obra no edifício, foi um exercício difícil, tanto pelas prioridades do processo em curso, pelas dimensões físicas de uma intervenção industrial, como ainda pelo estreito calendário de construção, que não previa intervenção externa (Araújo 2013). Após a grande exposição, conferências e outros eventos que ocorreram no edifício, os materiais “disputados” foram retirados pelo promotor/dono da obra, que compreendeu o exercício e reservou um acervo de memória da empresa/espaço.

O último caso caracterizado é uma intervenção curatorial, em curso, na Cooperativa dos Pedreiros, no Porto, onde se ocupa um espaço histórico desactivado, que detém, além dos espaços industriais e de produção, também uma escola e um museu. Neste edifício que se mantém há 80 anos no seu estado original, existem pequenas obras constantes de estabilização da degradação que o tempo e o abandono trazem. Acresce ao espaço o processo de desmantelamento de máquinas, vigas técnicas e estruturas, que foram vendidas como sucata, deixando o edifício cru e despido de uso. A obra de reconstrução, como promessa messiânica, não está ainda definida, os planos estão em curso, e as intervenções artísticas que a exposição *Technical Unconscious* traz vêm estimulando a discussão sobre o seu futuro. Sobre o projecto *Technical Unconscious*, ver website: [www.softcontrol.fba.up.pt](http://www.softcontrol.fba.up.pt). Prevê-se que a publicação sairá durante o mês de Novembro de 2014.

Em terceiro lugar no “plano 2” elaborada, está referida a exposição *Há trabalhos na Fábrica* (Moreira 2014) que intervêm dentro do estaleiro em (re) actividade para recuperação e restauro do Complexo Industrial das Fábricas da Levada, em Tomar. Tendo sido interrompidas por falência do construtor, as obras recomeçaram em 2013, altura em que reabrimos o estaleiro em obra. Este projecto, pela dimensão sociológica, material, temporal e artística, traz uma complexidade que merece ser explanado mais amplamente.

## INTERVIR NUM MUSEU ADIADO

*Há trabalhos na Fábrica* é um projecto curatorial inaugurado em Abril de 2014 no recinto do estaleiro de obra do Complexo Industrial das Fábricas da Levada, em Tomar. Os edifícios que se encontravam vedados desde 2008 para obras de restauro e recuperação dos antigos espaços – moagens, lagar, central eléctrica, etc. – tendo por finalidade a musealização e a criação de um Museu de Indústria. A obra do Museu parou em 2011 por falência do construtor civil e o recinto permaneceu encerrado durante três anos e envolvido por tapumes, acentuando a sua natural condição de “ilha” no Rio Nabão. O projecto tem curadoria da arquitecta e curadora Inês Moreira e é parte integrante do Projecto Europeu Materiality que iniciou em Gdansk, na Polónia, e é desenvolvido agora pelo Instituto Politécnico de Tomar propondo ligações entre arte, cultura e investigação. Ficha técnica: Organização: Instituto Politécnico de Tomar (IPT); Acolhimento: Câmara Municipal de Tomar; Coordenação: Gonçalo Leite Velho (IPT) no âmbito do Projecto Europeu ‘Materiality’; Curadoria: Inês Moreira; Artistas: Jonathan Saldanha, Micael Nussbaumer, Nuno Cera, Nuno Sousa Vieira, Os Espacialistas, Patrícia Azevedo Santos; Projectos: Máquina de Pensamento Pós-Industrial (Museu FEUP), Projecto Cabine, Projecto de Conservação Criativa, Arquivo de Pós-Materiais; Design: Gabinete de Comunicação IPT; Website: Inês Moreira; Direcção de produção/acolhimento: Patrícia Romão (IPT/CMT); Produção artística: Pedro Araújo; Montagem: Instituto Politécnico de Tomar e Câmara Municipal de Tomar; Relações Internacionais: Conceição Catroga e Rosa Nico; Projecto Financiado com o apoio da Comissão Europeia, Programa Cultura (2012-14).

A fábrica foi um local de trabalho, tem presença central na cidade, as pessoas conhecem-na e estimam-na, porém, os trabalhos em curso tornam-na num recinto indisponível, cujo plano futuro – o museu – não foi ainda apresentado. Decorrendo de uma dissociação entre Arquitectura e Museologia, o trabalho de musealização do espaço e de criação da colecção, a evolução da obra foi avançou seguindo um “guião”, e não como um projecto convencional de arquitectura, tendo ainda sido interrompido por escavações arqueológicas que surgiram durante a reconstrução e desfigurando o complexo e acentuando a polémica. “Não existe propriamente um projecto, mas apenas um guião, que vai sendo complementado consoante os elementos fornecidos pelo dono da obra” Arq. Chuva Gomes, disponível em: <http://tomaradianteira.blogspot.pt/2011/12/o-museu-da-levada-nao-leva-lado-algum.html>. Isto é, à data do início do nosso projecto curatorial *Há trabalhos na Fábrica*, o edifício permanecia inacabado e encerrado e não se

conhecia o plano do futuro museu da indústria. Os trabalhos de musealização iniciaram-se posteriormente, em Maio de 2014, após a desmontagem da exposição que se descreve.

Este projecto curatorial no espaço do museu em obra decorreu pelo entendimento entre o promotor cultural do evento, o Instituto Politécnico de Tomar (IPT) que procurava um local na cidade onde realizar um projecto previamente financiado sobre a Materialidade e o Pós-industrial, e a Câmara Municipal de Tomar que viu na proposta do IPT uma oportunidade de reabrir o estaleiro da fábrica, de reaproximar os ex-trabalhadores do programa museológico – que seria desenvolvido posteriormente –, bem como de discutir o futuro do museu após cerca de 3 anos de encerramento da obra.

O conceito curatorial do projecto foi amadurecido pela relação com o local, desenvolveu-se em trabalho de campo e no reconhecimento da potencialidade dos espaços, assumindo-se como uma *reactivação*, temporária, dos espaços das Fábricas da Levada. O conceito explora a ideia de local de trabalho e é desenvolvido em três *loops* que correspondem aos três modos de trabalho em curso: a referência ao trabalho passado, na memória do antigo espaço de trabalho industrial e na vida dos ex-trabalhadores da Mendes Godinho; o trabalho na perspectiva da construção em curso no estaleiro, assumindo a condição do local enquanto recinto sob trabalhos de reconstrução; à qual acresce a na nova leitura que o projecto traz e cruza com as duas leituras anteriores, isto é, a Levada como local de trabalho de criadores contemporâneos.

Contextualizando a perspectiva cultural, é de referir que desde o início dos anos 2000, diversas antigas fábricas em Portugal têm passado por processos de transformação dos seus usos, explorando programas e abordagens distintos que as tornaram em novas centralidades. De Norte a Sul os espaços industriais foram reactivados e encontramos ligações entre programações culturais contemporâneas, unidades museológicas e patrimoniais, na sua extensão como espaços de criação e de investigação, ou mesmo incubadoras de empresas e negócios, ou mesmo de espaços comerciais e de lazer, pensemos nos casos da Fábrica Asa em Guimarães, da Oliva Creative Factory em São João da Madeira, ou na Santo Thyrsos em Santo Tirso, na LX-Factory em Lisboa ou na Fundação Robinson em Portalegre.

A reactivação dos espaços da Levada, ainda em obras, assumiu-os enquanto estaleiro, mostrando o potencial da renovação para, também, discutir o seu

futuro. Reuniram-se em dois hangares trabalhos de autores, artistas e agentes culturais que têm desenvolvido projectos artísticos ao longo das obras de reconversão de fábricas – Jonathan Saldanha, Micael Nussbaumer, Nuno Cera, Nuno Sousa Vieira, Os Espacialistas, Patrícia Azevedo Santos – em diálogo com projectos investigativos – experiências de conservação e restauro de fragmentos de várias fábricas desenvolvidas pelo Projecto Conservação Criativa; elementos de investigação em engenharia contemporânea desenvolvidos pelo Museu da Faculdade de Engenharia da U.Porto; peças da colecção do Arquivo de Pós-Materiais.

A relação cenográfica entre os conteúdos expositivos e o espaço em obra, foi desenvolvida com um conhecimento profundo dos espaços na companhia dos técnicos de museologia da Câmara Municipal, bem como com os encarregados pela obra, tanto representantes do cliente como do construtor. Das diversas visitas de pesquisa de campo aos espaços da fábrica surgiram soluções para a instalação das obras artísticas (ex: uso das fornalhas, dos nichos e da maquinaria suspensa), bem como para soluções expressivas de iluminação indirecta das máquinas, tornos e outros elementos integrados no espaço. Acentuando a interligação dos conteúdos artísticos com os objectos históricos, foram realizadas visitas aos armazéns camarários com o sentido de seleccionar mobiliário (escadas, mesas, cadeiras), objectos (ferramentas, utensílios) e outros materiais avulso que fizeram parte da fábrica com o sentido de os integrar na exposição. A criação de sensação de imersividade nos espaços da fábrica e no processo da obra, um aspecto relevante que pretendemos acentuar na experiência do visitante, foi explorada através da relação cenográfica entre objectos, iluminação e as novas peças de arte contemporânea e dos arquivos expostos.

Foi organizada uma residência artística de um mês do colectivo de artistas Os Espacialistas, que desenvolveram um novo projecto fotográfico e performativo no edifício da antiga Moagem “A Portuguesa”, um edifício icónico do complexo. Tirando partido espacial e estético das máquinas “protegidas e embrulhadas” durante o processo de recuperação do edifício, este registo subjectivo e interpretativo dos espaços, explora uma ligação íntima entre o local e o trabalho artístico, oferecendo um registo futuro que perdurará após a inauguração do futuro Museu. A arte interliga-se com a patrimonialização, oferecendo novas leituras.

Por fim, é de relevo no processo de musealização do espaço, na constituição de espólio potencial para o futuro museu e na aproximação à comunidade local – nomeadamente aos ex-trabalhadores e suas famílias – referir o novo projecto que

faz a reconstrução de memórias de ex-trabalhadores das fábricas de Tomar através dos seus depoimentos. O projecto Cabine deu início a entrevistas dentro dos espaços que foram utilizados na exposição onde ao longo da montagem e da exposição foram entrevistados diversos ex-trabalhadores. Além do valor histórico e científico da recolha, é de relevar a dinâmica criada através do processo de convite, acolhimento, entrevista e posterior exibição dos conteúdos recolhidos. Este projecto, ao auscultar aqueles directamente envolvidos no trabalho industrial, descobriu pistas para a musealização do espaço e abriu um fórum de discussão sobre outros usos no futuro museu. Em Maio estava garantida a sede da Associação dos ex-trabalhadores da Mendes Godinho dentro do complexo.

### ALGUMAS QUESTÕES EM ABERTO:

Como activar curatorialmente o museu ao longo da obra do seu edifício?



Figura 2. O espaço interior da fundição do Complexo da Levada, com a peça “Todo o Homem é um Ativo”, de Patrícia Azevedo Santos (2012) em teste no espaço.

Figuras 3 e 4. Montagem da peça “Todo o Homem é um Ativo”, de Patrícia Azevedo Santos (2012) na fachada histórica já recuperada, sob a esfera armilar. Em baixo à direita: vista nocturna da peça de arte contemporânea iluminada, introduzindo uma nova leitura do antigo complexo industrial.

Poderá um programa de exposições ao longo do processo da construção de um Museu contribuir para a relação do público com o edifício e seus futuros conteúdos?

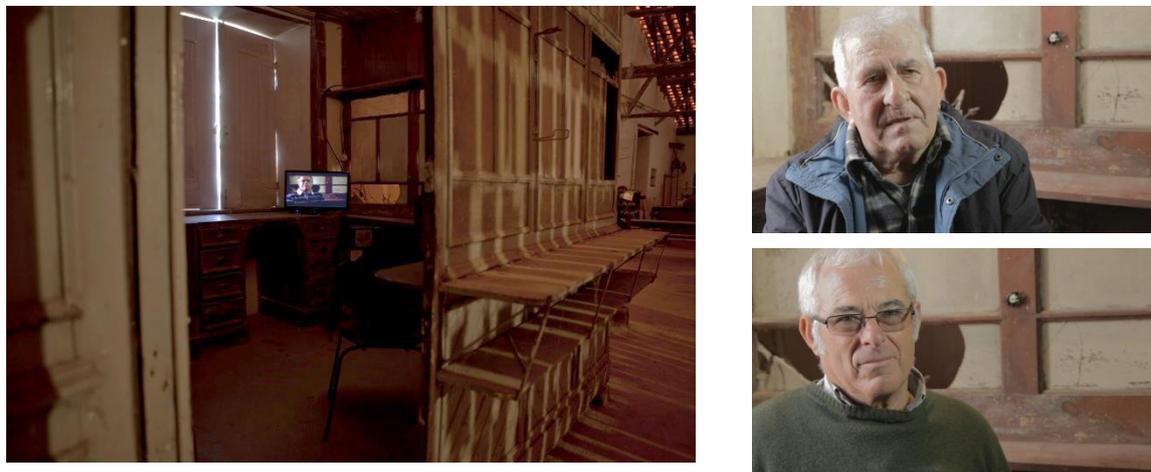


Figura 5. Cabine dentro da oficina de torneiro, com vídeo instalado, do projecto que tomou o nome deste espaço onde foram gravados testemunhos dos antigos trabalhadores, o projecto Cabine

Figuras 6 e 7. Duas imagens retiradas dos vídeos produzidos pelo projecto Cabine, com testemunhos de antigos trabalhadores da Fábrica Godinho, que integraram a exposição. Direita

E, cada vez mais, o que fazer quando as obras permanecem inacabadas?



Figura 8. Projecto "Máquina de Pensamento Pós-industrial", componente do projecto relativa a recolhas de sucatas e remanescentes da indústria restantes após o dismantelamento de vários edifícios. Os objectos/materiais foram tratados e musealizados pelo Museu FEUP

Figura 9. Projecto "Arquivo de Pós-Materiais", componente relativa às recolhas de escombros e remanescentes da Fábrica de Fiação de Tomar, demolida. Os objectos/materiais foram restaurados pelo Laboratório de Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar, e encontram-se em depósito no Museu FEUP

## ALGUMAS CONCLUSÕES

A experiência dos quatro casos referidos, com especial *aport* do projecto *Há trabalhos na Fábrica*, para além da inscrição na esfera cultural própria da arte e da cultura contemporânea, permitiu-nos identificar relações entre as acções desenvolvidas e alguns efeitos com potencial de transformação dos processos, e mesmos dos contextos, em curso nestes Museus. Listamos alguns aspectos objectivos e seus efeitos, que cremos poderem ser transmissíveis a outros projectos/intervenções:

Abertura do recinto de obra, remoção de tapumes e abertura do estaleiro:

- reapresentação do futuro edifício após encerramento prolongado;
- reactivação do interesse colectivo, após esquecimento na esfera pública;
- devolução temporária do edifício com novo uso cultural;
- atracção de outras entidades e organizações interessadas (indivíduos e associações).

Produção de novas criações artísticas:

- novas leituras e narrativas contemporâneas sobre o museu e o seu edifício;
- valorização de materiais e objectos existentes, com novos sentidos;
- surgimento de novas dinâmicas culturais e atracção de outros públicos;
- exponenciação da esfera de interesse e do alcance do museu (além da sua temática).

Trabalho de campo / recolha de testemunhos (ex-trabalhadores e outros):

- activação de público interessado (ainda que não especializado);
- recolha de conteúdos imateriais musealizáveis no futuro próximo;
- entrevistas para interpretação dos espaços em vias de musealização (explicação);
- auscultação de expectativas de conteúdos e serviços no futuro do museu;
- reconhecimento de necessidades e falhas do programa museológico.

Trabalho de campo / recolha de objectos e materiais:

- identificação de objectos e materiais musealizáveis;
- experimentação de situações cénicas no espaço;
- recuperação de objectos e mobiliário para cenografia.

Para concluir este *paper*, enunciam-se diversas dificuldades que estas intervenções acarretam, com o sentido de alertar para os pontos de conflito e as fragilidades das intervenções efémeras em edifícios em obra:

#### Organização

- entendimento entre promotor da obra/dono, o construtor e as entidades culturais;
- definição de responsabilidades na produção e durante a abertura ao público;
- compreensão dos papéis profissionais da cultura – artistas, produtores, curadores.

#### Espaço

- articulação da logística das obras com o plano de montagem (reagendamentos);
- instabilidade dos espaços físicos e seus equipamentos;
- segurança durante a preparação dos trabalhos;
- segurança dos visitantes.

#### Museu

- explicação do potencial de um projecto efémero durante o processo de obra;
- integração do projecto efémero com o projecto museológico e diálogo entre equipas;
- convívio entre diferentes perspectivas e visões.

## BIBLIOGRAFIA

Araújo, Pedro. 2013. “O polícia da sucata”. In Moreira, Inês (ed.). *Edifícios & Vestígios: projecto-ensaio sobre espaços pós-industriais / Buildings & Remnants: essay-project on post-industrial spaces*. Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães + Imprensa Nacional Casa da Moeda, Portugal.

Barbas, Isabel e Lopes, Diogo Seixas. 2013. “A arquitectura ainda pode ser pública?”. *Jornal Arquitectos J-A* 246, Jan — Abr 2013 (26-37). Disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/a-arquitectura-ainda-pode-ser-publica/>.

Fonseca, Sofia. 2013. “Novo Museu dos Coches abre na segunda metade de 2014”. In *Diário de Notícias*. Disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=3131762](http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=3131762) (visto 29-12-2014).

Moreira, Inês. 2014. *Performing Building Sites: Curating in/on/through space*. Doctoral thesis, Goldsmiths, University of London. [Thesis]

Moreira, Inês (ed.). 2013. *Edifícios & Vestígios: projecto-ensaio sobre espaços pós-industriais / Buildings & Remnants: essay-project on post-industrial spaces*. Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães + Imprensa Nacional Casa da Moeda, Portugal.

Moreira, Inês (ed.). 2014. *Há trabalhos na Fábrica: activação dos espaços fabris da Levada*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

Moreira, Inês. 2009. *Rescaldo e Ressonância!* Porto: Universidade do Porto.

Moreira, Inês. 2013. "Brown Rooms / Grey Halls: a curadoria de espaços pós-industriais / Brown Rooms / Grey Halls: curating post-industrial spaces". In Moreira, Inês (ed.). *Edifícios & Vestígios: projecto-ensaio sobre espaços pós-industriais / Buildings & Remnants: essay-project on post-industrial spaces*. Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães + Imprensa Nacional Casa da Moeda, Portugal (Portuguese/english 28 – 41).

Moreira, Inês. 2013. "Backstage and Processuality: Unfolding the Installation Sites of Curatorial Projects". In Martinon, Jean-Paul. (ed.). *The Curatorial, a Philosophy of Curating*. London: Bloomsbury (english, 225-234).

Moreira, Inês. 2007. "Arquitetura e produção no Depósito: sobre o projecto de colaboração com os Museus da Universidade do Porto / Architecture and Production in Storage: on the project of collaboration with the Museums of the University of Oporto". In Cunha e Silva, Paulo. (ed.) *Depósito*. Porto: Universidade do Porto, June 2007. (Portuguese/english, 154-171).

Rendell, Jane. 2006. *Site-Writing: The Architecture of Art Criticism*. London: IB Tauris.

Stewart, Kathleen. 2007. *Ordinary Affects*. Durham, North Carolina: Duke University Press.